Sua Voz na Minha Cozinha

Nem Toda História Deveria Ir ao Ar



Laura Bellini

Sua Voz na Minha Cozinha

Nem Toda História Deveria Ir ao Ar

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384904619

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - A Voz Que Não Conhecia o Silêncio 12
Capítulo 2 - Regras à Mesma Mesa..... 24
Capítulo 3 - Quando os Microfones se Calam..... 37
Capítulo 4 - Fora do Expediente..... 48
Capítulo 5 - O Direito de Dizer Não 59
Capítulo 6 - O Sabor do Primeiro Beijo..... 70
Capítulo 7 - O Que Fica Entre as Palavras.....81
Capítulo 8 - Um Lugar Onde Não É Preciso Fingir 93
Capítulo 9 - Vozes Que Merecem Ser Preservadas.....103
Capítulo 10 - Fique Até de Manhã 115
Capítulo 11 - Espaço para Dois 128
Capítulo 12 - A História Que Não Entreguei.....139
Capítulo 13 - O Preço de uma Boa Ideia 149
Capítulo 14 - Tudo Aquilo Que Não Dissemos.....159
Capítulo 15 - A História Que Ele Não Tinha o Direito de Contar 171
Capítulo 16 - O Silêncio Entre as Janelas 183
Capítulo 17 - Com Minhas Próprias Palavras.....192
Capítulo 18 - Aquilo Que Ele Não Levou ao Ar 202
Capítulo 19 - Uma História nos Meus Próprios Termos.....213
Capítulo 20 - À Nossa Mesa..... 224

INTRO

Às onze e quarenta e sete da noite, a voz de um homem desconhecido anunciou, do outro lado da parede, que as conversas mais importantes da vida acontecem à mesa da cozinha.

Naquele momento, eu estava descalça sobre o piso frio, com uma faca em uma das mãos e meio limão na outra. Sobre a bancada havia sete folhas cobertas de correções, e no forno terminava de assar um bolo que eu não pretendia servir a ninguém. Fazer bolos àquela hora era minha maneira de lidar com os prazos. Em vez de imaginar uma catástrofe profissional, eu media a farinha. Em vez de conferir o e-mail pela vigésima vez, batia os ovos.

Naquela noite, eu tinha motivos de sobra para assar alguma coisa.

Dali a três dias, precisava apresentar à editora a proposta definitiva de um livro de minha autoria sobre culinária caseira. Depois de quinze anos corrigindo receitas alheias, salvando sessões fotográficas desastrosas e convencendo autores de que uma xícara de farinha não era uma unidade de medida universal, finalmente havia recebido a oportunidade de assinar um livro com meu próprio nome.

Berenika Żak. Trinta e sete anos. Editora de receitas, capaz de identificar proporções mal descritas apenas pelo cheiro de um bolo, mas incapaz de explicar à própria mãe por que não aparecia nos almoços de domingo havia dois anos.

Felizmente, essa segunda parte não precisava constar na proposta editorial.

— A mesa de casa não é um móvel — disse o homem do outro lado do pátio. — É o lugar onde as pessoas deixam de fingir que têm tudo sob controle.

Pousei a faca.

— Nem todas — murmurei.

Minha mesa era justamente o lugar onde eu tentava recuperar o controle de tudo.

Eu morava no segundo andar de um antigo prédio no bairro de Nadodrze, em Wrocław. A janela da cozinha dava para um pátio estreito que separava nosso edifício do prédio vizinho. A distância entre as janelas era tão pequena que, ao longo dos anos, eu havia aprendido a reconhecer os hábitos dos moradores do outro lado. A senhora idosa do térreo regava as flores às seis da manhã. O estudante do terceiro andar só tocava violão quando recebia visitas. E, havia uma semana, alguém no apartamento em frente, exatamente na altura da minha janela, havia instalado um estúdio de gravação noturno.

No começo, aquilo não me incomodou muito. Uma voz baixa, uma vinheta musical, algumas risadas de vez em quando. Era melhor do que o antigo morador, que assistia a partidas de futebol todas as noites com tanto envolvimento que parecia ser pessoalmente responsável pelo resultado.

Mas naquela noite a voz falava sobre cozinhas.

Sobre as minhas cozinhas.

E, acima de tudo, falava de uma maneira linda.

Foi uma descoberta irritante.

Ele tinha uma voz grave e tranquila, além de um jeito particular de fazer pausas. Não se apressava em pronunciar a frase seguinte, como se soubesse que alguém do outro

lado estaria esperando por ela. Não tentava parecer inteligente. Soava como se estivesse contando uma história a uma única pessoa, sentada bem perto dele.

Fechei um pouco a janela.

A voz desapareceu.

Durante dois minutos, trabalhei no silêncio tão desejado, corrigindo uma frase sobre receitas de família. Então percebi que não me lembrava absolutamente de nada do que acabara de ler.

Abri a janela novamente.

— ...porque, às vezes, o ingrediente mais importante é justamente aquele que ninguém inclui na receita.

Revirei os olhos.

— Como a quantidade certa de manteiga — comentei, um pouco alto demais.

Do outro lado do pátio, fez-se silêncio.

Fiquei imóvel, ainda segurando o limão.

— Manteiga? — perguntou o homem.

Olhei na direção da janela vizinha. Uma pequena luminária estava acesa atrás do vidro. Eu conseguia distinguir parte de uma estante, um microfone preso a um braço articulado e a silhueta masculina inclinada sobre uma mesa.

— Sem dúvida, manteiga — respondi, porque, já que havia falado, voltar atrás seria ainda mais constrangedor.

A figura ergueu a cabeça.

— Essa é uma interpretação interessante da intimidade humana.

— E comprovada na prática.

Ouvi uma risada. Curta, surpresa, completamente desprovida daquela elegância de locutor de rádio.

— Estou gravando — ele avisou.

— E eu estou tentando trabalhar.

— Então estamos atrapalhando o trabalho um do outro.

— A diferença é que eu faço isso na minha própria cozinha.

— Eu também.

Só então percebi os azulejos atrás dele e as panelas penduradas acima da bancada. O microfone estava sobre a mesa da cozinha, ao lado de uma caneca e de um caderno aberto.

Eu não esperava por aquilo. Havia imaginado um estúdio profissional, equipamentos caros e um homem que falava sobre autenticidade de dentro de uma sala revestida de painéis acústicos.

Em vez disso, vi alguém gravando em uma cozinha tão pequena quanto a minha.

— Posso perguntar o que a senhora está preparando? — ele disse.

— Não.

— Entendo. Segredo profissional.

— Bolo de limão.

— E, no entanto, acabou me contando.

— Para encerrar a conversa.

Ele riu novamente.

Eu deveria ter fechado a janela. Virado as costas, tirado o bolo do forno e voltado ao texto. Em vez disso, apoiei as mãos no parapeito.

O homem se levantou da mesa e se aproximou. Usava uma camisa escura com as mangas dobradas. Sob a luz quente da luminária, percebi alguns fios grisalhos nas têmporas e um rosto que me pareceu mais interessante do que convencionalmente bonito. Ele olhava diretamente para mim, sem constrangimento, mas também sem aquela autoconfiança invasiva que alguns homens confundiam com charme.

— Ariel — apresentou-se. — Ariel Róg.

O sobrenome me pareceu familiar.

— Berenika Żak.

— Boa noite, senhora Berenika.

— Já é quase meia-noite.

— Nesse caso, um bom começo de amanhã.

Sorri antes mesmo de conseguir decidir se queria sorrir.

O alarme do forno soou dentro do meu apartamento. Virei a cabeça e, quando olhei novamente pela janela, Ariel continuava ali.

— O bolo — ele me lembrou.

— Eu sei.

— Não vá me culpar se queimar.

— Ainda não decidi.

Retirei a forma do forno, coloquei-a sobre uma grade e passei alguns instantes admirando a superfície uniforme e dourada. Havia dado certo. Pelo menos uma coisa naquela noite saíra exatamente como eu havia planejado.

Quando voltei à janela, meu vizinho já estava sentado diante do microfone.

— Posso fazer uma última pergunta? — chamou.

— Depende da pergunta.

— Para quem a senhora fez o bolo?

Olhei para a mesa vazia. Para a segunda xícara que eu guardava no armário havia meses. Para o celular pousado com a tela virada para baixo, para que eu não precisasse ver mais uma mensagem da minha mãe.

— Para mim — respondi.

Minha voz não soou tão firme quanto eu pretendia.

Ariel não fez nenhum comentário. Apenas assentiu.

— É um bom motivo.

Fiquei surpresa por ele não perguntar por que eu estava sozinha. Não fez piadas sobre comer de madrugada nem pediu um pedaço. Aceitou minha resposta como se ela não precisasse de nenhuma justificativa.

Afastei-me da janela e me sentei à mesa.

Na primeira página do meu projeto aparecia o título provisório: "Receitas que Permanecem". Abaixo, eu havia anotado ideias para capítulos dedicados a pratos transmitidos de geração em geração. Cada receita teria uma pequena história, mas nenhuma delas viria da minha própria vida.

Eu sabia perfeitamente por que havia escolhido aquela estrutura.

Dois anos antes, concordara em contar a alguém sobre um jantar em família que mudara tudo. Minhas palavras haviam chegado muito mais longe do que deveriam. Desde

então, eu escolhia com cuidado não apenas as pessoas com quem conversava, mas também as lembranças às quais permitia ganhar voz.

Agora queria criar algo que fosse meu. Um livro em que eu mesma decidiria o que entraria entre as capas.

A tela do celular se iluminou com uma mensagem da minha amiga Marta.

Lembre-se: amanhã, às nove, a editora vai ligar. E, Berenika? Desta vez, não entregue sua história nas mãos de outra pessoa.

Li a mensagem duas vezes.

Do lado de fora, Ariel começou outra gravação. Dessa vez, sua voz estava mais baixa, quase íntima.

— Nem tudo o que aconteceu à mesa precisa ser contado. Às vezes, basta que alguém se sente ali e escute de verdade.

Aproximei-me mais uma vez da janela.

Ariel percebeu minha presença, tirou os fones de ouvido e desligou o microfone.

— Estou incomodando? — perguntou.

Eu tinha uma resposta sensata preparada. Poderia pedir que ele encerrasse as gravações mais cedo. Poderia fechar a janela, voltar ao projeto e esquecer o homem do prédio vizinho.

Em vez disso, apontei para o microfone.

— O senhor realmente acredita no que acabou de dizer?

— Em cada palavra.

— Mesmo quando a história pertence a alguém que não quer contá-la?

Sua expressão ficou séria. Durante alguns instantes, entre nossas janelas, ouviu-se apenas o som de um bonde passando por uma rua distante.

— Nesse caso, é preciso saber quando parar de fazer perguntas — respondeu.

Continuei olhando para ele por mais tempo do que seria apropriado olhar para um desconhecido.

Eu queria acreditar nele. E o que me inquietava ainda mais era perceber que queria ouvir sua voz novamente.

— E o senhor sabe parar? — perguntei.

Capítulo 1 - A Voz Que Não Conhecia o Silêncio

Na manhã seguinte, descobri que o homem do prédio vizinho não tinha apenas uma voz excepcionalmente agradável, mas também o péssimo hábito de ocupar espaço nos pensamentos dos outros.

Eram oito e dezessete. Eu estava sentada diante do notebook, com uma caneca de café frio, revisando pela última vez a apresentação para a editora. Na tela apareciam fotografias de mesas de família, receitas escritas à mão e pratos que deveriam parecer preparados por alguém de verdade, não por um produtor de alimentos armado com uma pinça. Tudo havia sido cuidadosamente elaborado. Até as cores dos slides tinham sido escolhidas para transmitir o aconchego de uma cozinha doméstica.

Mesmo assim, havia cinco minutos eu me perguntava se Ariel Róg realmente sabia quando parar de fazer perguntas.

Na noite anterior, ele não me respondera imediatamente. Ficara observando minha janela por alguns instantes antes de dizer:

— Estou aprendendo.

Depois me desejara uma noite tranquila e fechara a própria janela.

Eu deveria ter considerado a conversa encerrada. Em vez disso, pesquisei seu nome na internet.

Quarenta e dois anos. Apresentador de podcasts e autor de reportagens em áudio. Conduzia um programa popular chamado "Entre Palavras", no qual conversava com pessoas sobre acontecimentos aparentemente comuns. Tinha a

reputação de ser alguém capaz de descobrir histórias extraordinárias nas conversas com as pessoas mais discretas.

Encontrei também um pequeno vídeo de uma entrevista que ele havia concedido no ano anterior.

"O mais interessante é aquilo que as pessoas, a princípio, não querem contar."

Desliguei o vídeo na metade.

Agora, sentada à minha própria mesa, tentava me convencer de que aquilo não tinha importância. O homem morava em frente. Eu estava preparando um livro. Não havia motivo para nossas vidas se cruzarem.

Às nove horas, a editora ligou.

— Berenika, tenho uma notícia boa e um pouco complicada — anunciou Joanna Mirecka, antes mesmo que eu conseguisse cumprimentá-la.

Joanna sempre falava daquele jeito quando queria esconder uma notícia ruim sob uma camada de entusiasmo.

— Comece pela boa.

— A direção aprovou a proposta do livro.

Por um segundo, fiquei imóvel.

— Sério?

— Sério. Gostaram da ideia das receitas de família e das histórias ligadas à comida. Mas querem uma abertura promocional mais forte. Alguma coisa que permita às pessoas conhecer você antes mesmo do lançamento.

— Posso preparar uma série de artigos.

— Estávamos pensando em áudio.

Olhei para a janela.

— Áudio?

— Um programa curto. Alguns episódios sobre mesas de família. Conversas, lembranças, culinária. Temos contato com uma produtora que está procurando exatamente um projeto desse tipo.

Uma nova mensagem apareceu na tela do computador. Joanna havia me enviado um documento intitulado "Mesas Onde Permanecemos — Proposta de Episódio Piloto".

Abaixo do nome do programa aparecia o nome do apresentador.

Ariel Róg.

Fechei os olhos.

— Isso só pode ser brincadeira.

— O quê?

— Nada. É que conheço esse nome.

— Melhor ainda. Ariel tem ótimos resultados. A produtora dele precisa de alguém que garanta a credibilidade culinária do projeto, e nós precisamos divulgar seu livro. Uma combinação natural.

— Não vou concordar em contar minha vida pessoal.

Joanna suspirou.

— Ninguém está dizendo que você precisa fazer isso.

— Nesse caso, quero isso por escrito.

— Berenika, entendo sua cautela. Mas, antes de rejeitar qualquer coisa, encontre-se com eles. Pode ser uma oportunidade realmente boa.

Depois da ligação, fiquei um bom tempo olhando para o documento. O prazo para apresentar o livro continuava valendo. A decisão de publicá-lo também. O programa seria

um empreendimento adicional, mas seu sucesso poderia determinar quanta atenção a editora dedicaria à minha estreia como autora.

Eu não gostava desse tipo de acordo. Principalmente quando alguém o apresentava como uma oportunidade evidente.

Às dez e vinte, recebi uma mensagem de um número desconhecido.

"Bom dia, senhora Berenika. Joanna Mirecka me passou seu contato. Podemos conversar sobre o projeto? Ariel Róg."

Respondi imediatamente.

"Podemos. Desde que desta vez o senhor não esteja gravando."

A resposta chegou alguns segundos depois.

"Prometo. A menos que a senhora exija provas."

Eu não queria sorrir.

Mas sorri.

Nos encontramos naquele mesmo dia, às quatro da tarde, em uma pequena cafeteria na rua Łokietka. Escolhi um lugar neutro, com janelas grandes e mesas suficientemente afastadas para permitir uma conversa sem plateia.

Cheguei dez minutos antes. Coloquei sobre a mesa meu caderno, o celular e uma cópia impressa do projeto. Preparei perguntas sobre o formato, o cronograma, os direitos sobre as gravações e o processo de aprovação do material.

O que não preparei foi minha reação ao ver Ariel à luz do dia.

Ele entrou pontualmente, vestindo calça escura e um suéter claro sob um sobretudo aberto. Era mais alto do que parecera através da janela. Tinha ombros largos, olhos ligeiramente cansados e cabelos que aparentemente penteava com os dedos, não com um pente.

Parou ao lado da minha mesa.

— Senhora Berenika?

— Senhor Ariel.

— Depois da nossa conversa de ontem através do pátio, sinto que poderíamos dispensar as formalidades.

— Depois da nossa conversa de ontem, sinto que deveríamos preservá-las com especial cuidado.

Ele sorriu e tirou o sobretudo.

— Uma observação sensata.

Sentou-se à minha frente, e percebi que não colocou o celular sobre a mesa. Guardou-o no bolso antes de pedir café.

Não sei por que prestei atenção naquele detalhe. Talvez porque, desde a noite anterior, eu pensasse nos microfones como objetos capazes de tirar de uma pessoa mais do que ela pretendia entregar.

— Vamos começar pelo ponto fundamental — falei. — Não quero participar como personagem do programa.

Ariel recostou-se um pouco.

— E em que função a senhora gostaria de participar?

— Como editora de conteúdo. Posso desenvolver as receitas, conversar com os participantes antes das gravações, verificar os fatos. Posso até sugerir temas. Mas

não quero que minha vida se transforme no conteúdo do programa.

— Entendo.

— Ótimo.

— Ainda não disse que concordo.

Ergui as sobrancelhas.

— Como assim?

— Quero criar um programa vivo. Não uma coleção de depoimentos dos quais todas as emoções foram retiradas. Se convidarmos pessoas para conversar sobre comida, precisamos aceitar que elas também falarão sobre amor, perda, vergonha e coisas que não podem ser organizadas dentro de uma receita.

— Isso não significa que tenhamos o direito de usar tudo o que disserem.

— É claro que não.

— Mesmo assim, o senhor fala como se justamente aquilo que é privado fosse o que mais lhe interessa.

Ele se inclinou para a frente, apoiando os antebraços sobre a mesa.

— O que me interessa é aquilo que é verdadeiro.

— A privacidade também é verdadeira.

Durante um momento, nos encaramos em silêncio. Ele não desviou os olhos nem tentou desfazer minha objeção com uma piada.

— A senhora tem razão — disse finalmente. — Só que, para mim, um bom programa não pode ser uma propaganda de livro. Precisa ter significado próprio. Se trabalharmos

juntos, não posso prometer que toda pergunta inconveniente será eliminada.

— E eu não posso prometer que vou responder.

— Isso, aliás, eu não espero.

A garçonete trouxe o café. Ariel deslocou a xícara para abrir espaço para meu documento impresso, que ocupava quase metade da mesa.

— Pode me mostrar sua proposta?

Durante os minutos seguintes, apresentei o projeto, tentando não prestar atenção na maneira como ele escutava. Não interrompia. Não olhava para o relógio. Quando eu mostrava as fotografias, ele se inclinava para examiná-las com um interesse que eu não conseguia considerar mera cortesia profissional.

Seu dedo parou sobre a fotografia de uma mesa antiga de madeira.

— Por que esta?

— Porque é imperfeita. Dá para ver marcas de panelas quentes, arranhões, uma mancha de vinho. Alguém realmente viveu ali.

— E não apenas posou para a fotografia.

— Exatamente.

— Então acho que queremos fazer a mesma coisa.

Olhei para ele com cautela.

— Não tenho certeza.

— Você quer mostrar cozinhas verdadeiras. Eu quero ouvir conversas verdadeiras. Uma coisa não precisa contradizer a outra.

— Desde que nos lembremos de a quem essas conversas pertencem.

Ele assentiu.

— Está bem. Vamos estabelecer as regras.

Tirou um caderno. Na primeira página havia algumas frases escritas em letra pequena. Consegui distinguir apenas um trecho: "A mesa como lugar de memória. Não nostalgia, mas a escolha daquilo que permanece".

Mais abaixo aparecia a palavra "silêncio", sublinhada duas vezes.

— Vamos começar com três conversas experimentais — propôs. — Sem publicação. Verificamos se o formato funciona.

— E se as pessoas conseguem guardar algum segredo perto do senhor.

Ele riu baixinho.

— A senhora realmente me considera uma ameaça?

— Considero o senhor alguém que ganha a vida profissionalmente com as histórias dos outros.

— É uma definição bastante severa.

— Mas não totalmente incorreta.

Ele me observou por alguns instantes e depois fechou o caderno.

— E a senhora trabalha corrigindo receitas alheias. Os autores sempre ficam encantados quando a senhora lhes diz que fizeram alguma coisa errada?

— Geralmente, não.

— E, mesmo assim, continua fazendo isso.

— Porque, caso contrário, o bolo não dá certo para o leitor.

— Então ambos acreditamos que, às vezes, é necessário dizer a alguém algo que essa pessoa não quer ouvir.

Não gostei de perceber que o argumento fazia sentido.

Gostei ainda menos do fato de ele tê-lo apresentado com um sorriso que não demonstrava o menor sinal de triunfo.

Às cinco e meia, saímos da cafeteria. Nuvens se acumulavam sobre Wrocław, e o ar tinha cheiro de pedras molhadas. Caminhamos na mesma direção, já que nossos prédios eram separados apenas por um pequeno pátio.

— Posso perguntar por que decidiu escrever seu próprio livro só agora? — Ariel disse.

— Porque antes eu estava ocupada fazendo livros para outras pessoas.

— Essa é a resposta profissional.

— E o senhor esperava uma resposta pessoal?

— Fiquei curioso.

— Isso nem sempre é motivo suficiente para fazer uma pergunta.

Ele aceitou a observação sem protestar.

Passamos por uma pequena padaria de onde vinha o aroma de pão fresco. Ariel parou diante da vitrine, mas não entrou.

— Sabe o que me interessou na sua ideia? — perguntou.

— Espero que tenha sido a qualidade das receitas.

— Também. Mas, principalmente, o fato de você não tentar convencer ninguém de como deveria ser uma casa perfeita.

Olhei para ele.

— Não acredito em casas perfeitas.

— Eu também não.

Ele disse aquilo calmamente, mas alguma coisa em sua voz fez com que eu não perguntasse por quê.

Paramos diante do portão do meu prédio. Ariel apontou para o edifício vizinho.

— Se eu soubesse que você morava tão perto, teria sugerido que nos encontrássemos à mesa da cozinha.

— Seria literal demais.

— Mas mais econômico.

— E menos neutro.

— A neutralidade é muito importante para você?

Pensei por um instante.

— O importante é que eu mesma possa decidir quando ela deixa de ser necessária.

Ariel ficou sério.

— É uma condição justa.

Não sabia se ele ainda estava falando de trabalho.

Antes que eu pudesse responder, seu celular tocou no bolso do sobretudo. Ele olhou para a tela e apertou os lábios por um momento.

— Preciso atender. É a produtora.

Afastou-se alguns passos. Não tentei ouvir a conversa, mas vi sua postura descontraída se transformar em algo mais tenso. A ligação foi curta. Quando voltou, seu rosto já exibia uma expressão educada e profissional.

— Conseguimos uma data para apresentar a proposta do episódio piloto — anunciou. — Daqui a duas semanas.

— Tão rápido?

— Mais rápido do que eu havia planejado.

— E se eu recusar participar?

— Vou precisar encontrar outra solução.

Ele disse isso sem qualquer tentativa de chantagem. Mesmo assim, de repente senti o peso de uma decisão que ainda não havia tomado.

— Amanhã envio minha proposta de regras — anunciei.

— Está bem.

— E não quero mais gravações noturnas que possam ser ouvidas no meu apartamento.

Ele sorriu.

— Isso posso prometer agora mesmo.

Ficamos frente a frente por alguns instantes, no ar frio do fim da tarde. De perto, eu conseguia ver pequenas rugas ao redor dos olhos dele e uma discreta cicatriz no queixo. Não tinha o rosto de alguém que sempre soubesse o que dizer. Parecia mais um homem que havia aprendido a procurar pacientemente as palavras certas.

— Berenika — disse ele, num tom mais baixo.

Era a primeira vez que pronunciava meu nome sem qualquer formalidade.

— Sim?

— Não gostaria que nossa colaboração começasse com a impressão de que pretendo tirar alguma coisa de você.

Demorei um momento para responder.

— Então, por favor, não tire nada de mim.

Ele assentiu.

Seguimos cada um para a entrada do próprio prédio.

Naquela noite, recebi uma mensagem dele.

"Estou enviando a descrição preliminar do programa. E uma pergunta que não tem relação com trabalho: o bolo de limão deu certo?"

Abri o anexo. Na primeira página aparecia o título: "À Mesma Mesa".

Abaixo estava escrito: "Conversas sobre aquilo que as pessoas guardam e aquilo que decidem contar".

Li a frase várias vezes.

Depois respondi:

"O bolo ficou perfeito. Quanto ao programa, ainda temos muita coisa para definir."

A resposta apareceu quase imediatamente.

"As melhores coisas precisam de tempo."

Olhei para a cozinha vazia. Para a segunda caneca que estava no escorredor desde aquela manhã. Para a janela atrás da qual ainda não havia nenhuma luz acesa.

Pela primeira vez em muito tempo, o silêncio não me parecia apenas algo de que eu precisava.

Comecei a me perguntar se, por acaso, também não estava esperando que alguém viesse interrompê-lo.

Capítulo 2 - Regras à Mesma Mesa

Na sexta-feira de manhã, enviei a Ariel um documento intitulado "Condições de Colaboração".

Tinha quatro páginas.

Marta, a quem eu o mostrara antes, leu tudo durante nosso café da manhã semanal em uma pequena cafeteria perto da praça Bema. Quando terminou, deixou o celular sobre a mesa e me olhou com uma mistura de admiração e divertimento.

— Berenika, você não preparou regras. Você escreveu uma constituição.

— Queria evitar mal-entendidos.

— No item seis, parágrafo terceiro, você proíbe o uso de declarações ouvidas por acaso.

— E com razão.

— No item oito, estabelece o procedimento para apagar gravações.

— Também com razão.

— E no item dez, deixa claro que nenhuma das partes pode interpretar o silêncio como consentimento.

— Existe alguma coisa engraçada nisso?

Marta pousou o celular.

— Não. O engraçado é que você passou os últimos dez minutos me falando da voz dele, dos olhos dele e da maneira como ele escuta. E depois me mostra um documento com o qual está tentando se proteger de se apaixonar.